

ENTREVISTA(S)

O AVANÇO DO CAMPO DO ESTADO DO CONHECIMENTO NO CENÁRIO
BRASILEIRO:

experiências em diálogo

MARÍLIA COSTA MOROSINI ⁱARLETE MARIA MONTE DE CAMARGO ⁱⁱEGESLAINE DE NEZ ⁱⁱⁱMARILENE DA CRUZ BATISTA NASCIMENTO ^{iv}MARILENE GABRIEL DALLA CORTE ^v

1 APRESENTAÇÃO: experientes vozes sobre uma metodologia em expansão

Estudos de revisões bibliográficas do tipo Estado do Conhecimento¹, Estado da Arte², Estado da Questão³, Revisão do Escopo⁴, Revisão Sintemática⁵, Revisão Integrativa⁶, entre outros, têm sido cada vez mais utilizados por pesquisadoras e pesquisadores nos diferentes campos do conhecimento.

¹ O estudo do Estado do Conhecimento possui caráter bibliográfico e “se refere como a identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo” (Morosini; Fernandes, 2014, p. 102; Ferreira, 2002).

² “Os estudos do tipo Estado da Arte permitem, num recorte temporal definido, sistematizar um determinado campo de conhecimento, reconhecer os principais resultados da investigação, identificar temáticas e abordagens dominantes e emergentes, bem como lacunas e campos inexplorados abertos a pesquisas futuras” (Haddad, 2000, p. 04).

³ O Estado da Questão trata-se do momento por excelência que resulta na definição do objeto específico da investigação, dos objetivos da pesquisa, em suma, da delimitação do problema específico de pesquisa (Therrien; Therrien, 2004, p. 7).

⁴ A Revisão de Escopo é um tipo de revisão da literatura que tem como objetivo mapear e avaliar a extensão, a amplitude e a natureza da pesquisa disponível sobre um tópico específico. Disponível em: <https://www.ip.usp.br/site/biblioteca/revisao-de-literatura/>. Acesso em: 16 set. 2024.

⁵ A Revisão Sistemática tem como objetivo levantar, reunir, avaliar criticamente a metodologia da pesquisa e sintetizar os resultados de diversos estudos primários. Disponível em: <https://www.fca.unesp.br/Home/Biblioteca/tipos-de-evisao-de-literatura.pdf>. Acesso em: 16 set. 2024.

⁶ A Revisão Integrativa [...] é a mais ampla abordagem metodológica referente às revisões, permitindo a inclusão de estudos experimentais e não-experimentais para uma compreensão completa do fenômeno analisado [...]” (Souza, Silva; Carvalho, 2010, p. 103).

No e após o período da pandemia da COVID-19, no qual atividades de estudos e pesquisas exigiram dos estudantes, docentes e, amplamente, da comunidade científica, certa (re)adequação do formato de trabalho presencial para a modalidade online, a quantidade de tais estudos sofreu um incremento notável (Kohls-Santos; Morosini, 2024).

Neste período, um volume expressivo de investigações teve que ser replanejado, permutando procedimentos metodológicos empíricos para os mapeamentos/inventários de média e grande envergadura, no desejo de sistematizar o acúmulo do conhecimento produzido historicamente, envolvendo temas individuais ou cruzamentos de assuntos em aderência.

Isto ocasionou uma demanda de diferentes bases de dados digitais de acesso privado que por conseguinte, passaram a ter políticas de acesso aberto (*open access*) e, para as pesquisas do tipo Estado do Conhecimento, isso foi extremamente positivo, na medida em que possibilitou mapeamentos mais densos da produção do conhecimento no Brasil e no mundo.

Ainda mais, em um movimento paralelo ao avanço das bases de dados digitais, aplicativos como Google Classroom, Google Meet e Microsoft Teams, bem como softwares e metodologias ativas, passaram a ter maior destaque nos modos de organizar, analisar, compreender, apreender e socializar saberes. Cabe considerar, ainda, que os softwares livres estão entre os mais utilizados. O motivo disso, muito provavelmente recaía em limitações de recursos financeiros disponibilizados às pesquisas. Entretanto, o uso dessas ferramentas não dispensa a expertise da(o) pesquisadora(or), uma vez que tanto a codificação quanto os diferentes tipos de análise dependem da versatilidade, do raciocínio e da capacidade humana de interpretar e (re)combinar os dados produzidos.

Assim sendo, Souza *et al.* (2018) apontam que a “[...] organização e separação de informações, o aumento na eficiência do processo e a facilidade na localização dos segmentos de texto, além da agilidade no processo de codificação, comparado ao realizado à mão” estão entre as vantagens do uso dos softwares na análise de dados (Souza *et al.*, 2018, p. 2).

Dado esse contexto, é importante compreender a nova dimensão descrita pelas especialistas aqui ouvidas e de que modo pesquisadoras(es) que utilizam a metodologia do Estado do Conhecimento precisam instrumentalizar-se para atender às exigências de expertise requeridas para a excelência nesse campo.

O presente estudo, desta feita, buscou reunir diferentes vozes que discutem essa temática, com o objetivo de evidenciar as contribuições e os avanços da metodologia nas diferentes áreas do conhecimento, conferindo mais a eficiência e eficácia nas pesquisas desenvolvidas no cenário nacional.

Assim, realizou-se um estudo do tipo exploratório, de abordagem qualitativa, a partir de entrevistas semiestruturadas. Como dito, a intenção foi ouvir diferentes vozes que têm se dedicado a compreender os movimentos dessa metodologia, suas possibilidades, desafios e contribuições para a produção do conhecimento, especialmente na área da educação. Nessa direção, buscou-se depreender como o Estado do Conhecimento vem sendo apropriado, utilizado e ampliado nas pesquisas desenvolvidas nos diferentes níveis de formação acadêmica. As entrevistas foram realizadas nos anos de 2025 e 2026, gravadas e posteriormente transcritas para fins de análise.

Foram ouvidas cinco professoras pesquisadoras reconhecidas como referência na metodologia Estado do Conhecimento, identificadas neste estudo da seguinte forma: Entrevistada 1 - Marília Costa Morosini (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS); Entrevistada 2 - Arlete Maria Monte de Camargo (Universidade Federal do Pará - UFPA); Entrevistada 3 - Egeslaine de Nez (Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS); Entrevistada 4 - Marilene da Cruz Batista Nascimento (Universidade Federal de Sergipe - UFS); e Entrevistada 5 - Marilene Gabriel Dalla Corte (Universidade Federal de Santa Maria - UFSM).

A identificação das participantes dessa forma teve como finalidade organizar as narrativas reflexivas ao longo do estudo, considerando suas contribuições teórico-metodológicas acerca da metodologia aludida, suas etapas procedimentais, os desafios contemporâneos e as possibilidades de expansão no cenário brasileiro.

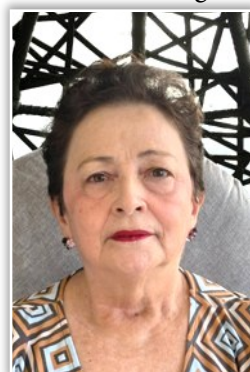
Marília Morosini



Egeslaine de Nez



Arlete Camargo



Marilene B. Nascimento



Marilene Dalla Corte



Fonte: arquivo pessoal das entrevistadas

Indubitavelmente, essas experiências vividas, refletidas e transformadas demonstram a evolução e a flexibilidade do Estado do Conhecimento, metodologia cada vez mais aplicada por pesquisadoras(es) da graduação e da Pós-Graduação com a finalidade de sistematizar e compreender o movimento das áreas de estudo.

As entrevistas foram conduzidas a partir de três questões norteadoras complementares, a saber:

1- as particularidades do Estado do Conhecimento no espectro das diferentes metodologias de revisão bibliográfica, com ênfase em suas contribuições para a educação;

2- o uso da Inteligência Artificial (IA) nas etapas metodológicas do Estado do Conhecimento e os princípios éticos a serem adotados nos diferentes campos do conhecimento;

3- a expansão e a utilização do Estado do Conhecimento no cenário brasileiro e nas Instituições de Ensino Superior (IES), em um movimento articulador de práxis, memórias e princípios éticos e estéticos, em consonância com livros, artigos e dossiês publicados sobre uma metodologia em constante renovação.

As narrativas compartilhadas consolidam e ampliam experiências concretas, nas diferentes formas de compreender e desenvolver o Estado do Conhecimento enquanto metodologia que se reinventa ciclicamente. As entrevistas enfatizam, eminentemente, a necessidade do rigor científico e da sistematização dos procedimentos adotados e, de modo especial, chamam a atenção para que exista flexibilidade nas etapas procedimentais e nas dimensões reflexiva e propositiva, para compreender e apreender a dinâmica da área, os movimentos das pesquisas e as emergências no e do acúmulo do conhecimento produzido.

Carlos Alessandro da Silveira ^{vi}

2 AS SINGULARIDADES DE UMA METODOLOGIA QUE SE MOVIMENTA POR DIFERENTES ÁREAS DO CONHECIMENTO

Em sua gênese, o Estado do Conhecimento traz consigo o objetivo de inventariar e sistematizar os saberes produzidos em determinados campos científicos, em uma ação não aleatória e pautada pela austeridade científica, capaz de auxiliar diferentes pesquisadores na compreensão de seus problemas de pesquisa, partindo do que já foi produzido em direção a novas contribuições para o objeto investigado. Reportando-nos a aproximadamente duas décadas atrás, esse levantamento era realizado nas bibliotecas das Instituições de Ensino Superior (IES), por meio de fichamentos e leituras de materiais impressos disponíveis à época.

Essa ação investigativa “[...] obviamente, era uma coisa muito frágil porque se achava que estava mapeando tudo, mas não, estava fazendo uma seleção daquilo que tinha disponível, impresso [...] e isso fragilizava o conhecimento” (Entrevistada 1). Dada essas limitações, foi necessário pensar em outras possibilidades de transformar o fato social em conhecimento científico, surgindo as primeiras proposições que deram origem ao que hoje se tem como Estado do Conhecimento.

Por certo, esse tipo de revisão bibliográfica possibilita o mapeamento de inúmeras temáticas de estudo por meio do acesso a diferentes bases de dados e modalidades de pesquisa, entre elas os estudos de Pós-Graduação stricto sensu (teses de doutorado, dissertações de mestrado e artigos científicos) tanto no Brasil quanto no exterior. O alcance dessa investigação dependerá dos objetivos projetados e das contribuições pretendidas.

Outro benefício dessa metodologia é que ela permite conhecer, com maior densidade, aquilo que vem sendo produzido e discutido sobre as temáticas investigadas. Desse modo, a apreensão do conhecimento envolve questões de pesquisa, objetivos, metodologias, discussões analíticas e, de forma mais ampla, formas de escrita criativas e singulares, impulsionados pela vontade de conhecer e comunicar.

Além disso, o Estado do Conhecimento possibilita trazer para o território pesquisado as discussões teóricas desenvolvidas tanto no norte quanto no sul global. Dessa maneira, a potência das formulações teóricas pode advir do entrelaçamento entre perspectivas clássicas e contemporâneas. Nesse sentido convém considerar a fala de uma das entrevistadas “[...] *eu tenho que olhar esse norte global, para o sul global, mas tenho que chegar no meu território. E o meu território é o Brasil, a América Latina, se a minha epistemologia for mais de regionalização [...]*” (Entrevistada 1).

Essa concepção da metodologia permite o acesso ao repertório dos saberes produzidos e acumulados na sua historicidade, além de trazer *insights* sobre os avanços conceituais, metodológicos e as muitas formas de escrita. Nessa realidade de apropriação e atualização do conhecimento sistematizado, principalmente na área da educação, é pertinente enfatizar que “[...] *a grande sacada é a gente ter um panorama do que foi estudado sobre o nosso objeto, um panorama adequado, até para saber se ninguém já fez aquilo que você está propondo, pela questão do ineditismo e assim por diante, sem falar que é uma forma de munir o pesquisador de muitas ideias [...]*” (Entrevistada 3).

Seguramente, o Estado do Conhecimento constitui-se como uma metodologia que possibilita compreender a dinâmica da área, acompanhar o movimento das pesquisas, acessar e sistematizar o conhecimento produzido em diferentes tempos históricos, oferecendo uma visão abrangente sobre o objeto investigado e contribuindo para o fortalecimento de propostas teóricas, metodológicas e analíticas cada vez mais consistentes e contextualizadas.

3 O ESTADO DO CONHECIMENTO NA INTERFACE COM OS DIFERENTES MÉTODOS DE REVISÕES BIBLIOGRÁFICAS: A PARTICULARIDADE DENTRO DA UNIVERSALIDADE

Importantes falas e reflexões sobre os diferentes tipos de revisões bibliográficas são vistas nesse compilado teórico-experiencial, estabelecendo aproximações entre as metodologias, mas com ênfase nas particularidades do Estado do Conhecimento. De modo geral, os estudos de mapeamento trazem em sua essência o desejo e a necessidade de conhecer o que já foi produzido acerca de um ou mais campos científicos, a partir de critérios pré-estabelecidos que atendam a interesses específicos de cada proposta investigativa.

Vis a vis, “*esses estudos são justificados por possibilitarem uma visão geral do que vem sendo produzido na área e uma ordenação que permite aos interessados perceberem a evolução das pesquisas na área, bem como suas características e foco, além de identificar as lacunas ainda existentes*” (Romanowski e Ens, 2006, p. 40).

Indiscutivelmente, é preciso partir daquilo que já foi investigado, pois esse acúmulo de conhecimento auxilia na concentração de intencionalidades investigativas, capazes de não somente

interrogar lacunas ou silenciamentos percebidos em estudos anteriores mas, especialmente, projetar pesquisas a partir das emergências constatadas e registradas. De forma similar, isso também acontece com as diferentes tipologias de revisão bibliográfica. Desse modo, antes de se estabelecer qualquer diferenciação entre as metodologias, é importante ter ciência de que “[...] *elas começam a se diferenciar, começam a aparecer num momento muito recente da produção do conhecimento, em que há uma intensificação dessa produção e da própria necessidade do pesquisador, do cientista, fazer o inventário do que havia sido produzido num determinado ponto do conhecimento [...]*” (Entrevistada 2).

No que diz respeito às diferentes tipologias inventariantes já supracitadas e, dependendo do campo científico, vale ressaltar que “[...] *existem metodologias que já são tradição em determinadas áreas de conhecimento. Por exemplo, na área da saúde, a Revisão Sistemática é tradicionalmente utilizada na medicina [...] apesar de hoje a gente já ver alguns reflexos em outras áreas que não são da saúde [...]*” (Entrevistada 2). Em suma, “[...] *cada área do conhecimento tem a sua forma de trabalhar o fato, o seu objeto, o seu tempo; as biológicas da vida trabalham em Revisão Sistemática, as outras que têm uma ambição maior trabalham com o Estado da Arte [...]*” (Entrevistada 1).

Sobre o Estado da Arte, há alguns aspectos que demarcam essa metodologia, como, por exemplo, o recorte temporal mais generoso, a diversidade de bases de dados, as divulgações em anais de congressos, a literatura específica da área (livros) e as diferentes modalidades de pesquisa (teses, dissertações, artigos e resumos expandidos). Tudo isso dependerá do foco do(a) pesquisador(a), da perspectiva histórica adotada e da facilidade de acesso aos repositórios digitais.

Evidentemente, o Estado da Arte também apresenta algumas desvantagens ou fragilidades, considerando que, dependendo do recorte temporal e dos temas estabelecidos, alguns campos do conhecimento podem sofrer alterações (articulações ou separações) que, por sua vez, podem entrar em colisão com discussões mais recentes.

As revisões bibliográficas do tipo Revisão Sistemática e Revisão Integrativa são comumente utilizadas na área da saúde. Trata-se de metodologias que se assemelham, mas que possuem vieses particulares, podendo ser adotadas individualmente ou em interface com outras tipologias. Todavia, “[...] *quando você traz uma metodologia de mapeamento, de estudos de revisão da área da saúde, você tem que tomar muito cuidado para poder considerar as peculiaridades que existem na área [...]*” (Entrevistada 4). Daí a importância de se conhecer, com profundidade, os procedimentos que precisam ser adotados e registrados, como, por exemplo, o protocolo procedimental, o registro da pesquisa e de seus colaboradores, bem como os resultados encontrados.

De modo geral, o Estado da Questão está diretamente relacionado ao nível de amadurecimento do(a) pesquisador(a), referindo-se ao momento em que são realizadas buscas, testagens e explicitadas as categorias de análise, nas quais o(a) investigador(a) “[...] *vai apontar exatamente como foi que ele chegou a essas categorias, porque às vezes, dependendo da forma como você constrói a investigação, você já traz as categorias prontas, outras vão se construindo no processo de investigação*” (Entrevistada 2).

Um aspecto bastante positivo do estudo do tipo Estado da Questão é a construção do caminho do pensamento, isto é, a compreensão do processo e de como se chegou a determinada conclusão

sobre o fenômeno investigado, sem deixar de explicitar e descrever as ações, circunstâncias e estratégias aplicadas.

O Estado do Escopo refere-se aos passos iniciais de uma investigação, quando o(a) pesquisador(a) busca verificar a viabilidade do estudo, o tempo despendido, as etapas metodológicas, entre outros aspectos. É preciso pensar que “[...] não só o estudo, mas algumas implicações de ordem prática também, por exemplo, a negociação, porque se você vai fazer estudo de campo, você vai fazer empiria, você vai trabalhar com dados anteriores, você precisa entrar em campo, tem um processo de negociação e você tem que se prever isso [...]” (Entrevistada 2). Ainda mais, essas previsões e decisões refletem no cronograma apresentado ao(à) orientador(a), às instituições de financiamento e ao próprio programa de Pós-Graduação.

Sobre o Estado do Conhecimento, cerne das entrevistas, ao recuperar sua origem, por volta do ano de 2010, ressalta-se que a metodologia possuía outra nomenclatura - Estado de Conhecimento, e configurava-se como “[...] uma simples Revisão Sistemática de Literatura (RSL), que não diferia muito de se fazer a leitura dos textos, fazer o recorte e fazer uma categorização, algo bastante simples do que se faz nos dias de hoje [...]” (Entrevistada 3). No que lhe toca, a categorização era algo bastante simples, diferente do que se realiza atualmente, de maneira mais articulada e refletida.

Em meados de 2014, a metodologia avançou em vários aspectos, seja na nomenclatura, aproximando-se da utilizada em 2026, seja nas buscas em repositórios digitais e nas quatro etapas procedimentais, a saber: bibliografias anotadas, sistematizadas, categorizadas e propositivas. E assim, configurando aquilo que contemporaneamente se conhece como Estado do Conhecimento, “[...] que se difere de todos os outros tipos de revisão, quando você tem uma sistematização apurada, num banco de dados muito forte e que você pode consultar a todo momento, quando você categoriza com uso da IA ou sem uso da IA, e quando você pensa a bibliografia propositiva [...]” (Entrevistada 3).

De forma especial, o Estado do Conhecimento está “[...] atrelado à proposta de trazer, de registrar as memórias das pesquisas da área da educação. Nós somos muito necessitados disso, a gente tem de conhecer a dinâmica da área, de conhecer o movimento, de trazer as propostas teóricas, ou seja, de conhecer o que já foi pesquisado” (Entrevistada 4). A metodologia tem como singularidade a flexibilidade dos procedimentos realizados, ou seja, não se trata de uma proposta engessada “[...] que lhe deixe sem possibilidade de criatividade no próprio levantamento [...]” (Entrevistada 4).

O diferencial do Estado do Conhecimento, em comparação com as demais revisões, também está no fato de ser uma pesquisa situacional, que “[...] tem um marco situacional que nos dá condições enquanto pesquisadores e pesquisadoras de olhar para um determinado campo do conhecimento com um recorte específico [...]”. Nessa direção, um dos objetivos dessa metodologia é “[...] compreender as tendências do que está sendo discutido, as lacunas daquilo que está sendo discutido, o que está sendo mais enfatizado nas discussões, quais são os principais avanços teóricos com relação a um determinado tema de pesquisa [...]” (Entrevistada 5).

Não apenas isso, a partir do Estado do Conhecimento, uma das entrevistadas afirma em sua fala que “[...] a gente olha os aspectos metodológicos, a intensidade das metodologias, quais as metodologias adotadas naquele campo de estudo, então a gente consegue ter uma visão, ao mesmo tempo, recortada, contextualizada e específica” (Entrevistada 5).

Ou seja, como característica específica “[...] tal como uma metodologia científica, o EC possui etapas definidas, as quais auxiliam na elaboração do estado corrente do conhecimento acerca de determinado tema e/ou área do conhecimento [...]” (Kohls-Santos, Morosini, 2024, p. 6). A proposta possui quatro movimentos distintos e complementares que foram citados anteriormente, as bibliografias anotada, sistematizada, categorizada e propositiva. Nesse contexto, além da bibliografia anotada, que consiste no registro e na sistematização dos dados bibliométricos e de conteúdo, “[...] a gente vai para a categorização que é uma etapa. E isso nos permite trabalhar com a ideia de bibliografia propositiva [...] e fazer um trabalho de reflexão sobre o que a gente constatou e o que ainda está por ser feito” (Entrevistada 2).

Neste caso, um dos primeiros desafios está em encontrar e definir, efetivamente, os descritores “[...] que nos levem no caminho que a gente precisa ir para encontrar esse recorte apropriado pela nossa pesquisa [...]” (Entrevistada 5). Mas também, um dos diferenciais da metodologia está na escolha de um recorte temporal específico, envolvendo uma ou mais áreas do conhecimento. Esses movimentos metodológicos configuram-se na possibilidade “[...] de nós entendermos que não é apenas uma revisão bibliográfica, que a gente consegue adentrar no universo de autores variados, pesquisadores variados, dos mais antigos aos mais atuais, dos clássicos aos atuais, e que vão nos dar um escopo, mais fundamentos e elementos bibliográficos [...]” (Entrevistada 5).

Para esclarecer, é na etapa da bibliografia categorizada do Estado do Conhecimento que se colocam em pleno exercício as capacidades intelectuais, técnicas, científicas e experienciais da(o) pesquisadora(or), principalmente no engendramento das categorias-chave que permitem o adensamento das discussões realizadas acerca dos resultados encontrados nos trabalhos. Na bibliografia categorizada, a(o) pesquisadora(or) possui maior liberdade para projetar, organizar e representar as “categorias-força”, seja “[...] no formato de quadros, imagens, diagramas e assim por diante [...]” (Entrevistada 3).

A última fase do Estado do Conhecimento, a bibliografia propositiva, constitui-se como o diferencial entre as demais tipologias de revisões bibliográficas e possui contribuição substancial para os estudos da área da educação. Os dois primeiros momentos (bibliografias anotada e sistematizada) são mais fechados e trabalhosos, correspondendo à organização e sistematização do *corpus*. Já as duas últimas fases, apresentam-se de forma mais flexível e desafiadora, considerando que, na bibliografia propositiva, “[...] você tem que parar, olhar para o objeto e pensar, e este momento é complicado da gente conseguir internalizar, refletir, e propor soluções [...]” (Entrevistada 3).

Em resumo, o Estado do Conhecimento é uma ferramenta metodológica indispensável para o início ou desenvolvimento de qualquer pesquisa, seja como objeto de estudo, seja como capítulo específico, permitindo às(aos) pesquisadoras(es) apropriarem-se do acúmulo da produção do conhecimento em sua área de estudo, em complementaridade às discussões teóricas e metodológicas, resultando em importantes proposições para as questões sensíveis e emergentes encontradas na investigação.

4 O USO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO ESTADO DO CONHECIMENTO: desafios éticos, estéticos e ideológicos

O uso da Inteligência Artificial (IA) expandiu-se consideravelmente nos últimos anos nos diferentes campos do conhecimento e, em intrépida, na área da educação. Cabe destacar que a IA vem sendo utilizada de forma expressiva por estudantes, do ensino fundamental à Pós-Graduação, na revisão de textos, criação de ideias, sistematização de informações e em diversas atividades que mediam a construção epistemológica. Para além do corpo discente, docentes e pesquisadoras(es) também passaram a incorporar recursos de IA em tarefas específicas de pesquisa, como é o caso da metodologia Estado do Conhecimento. Nesse caso, os desafios são, principalmente, de ordem ética e dizem respeito à tomada de decisão sobre em quais etapas metodológicas a IA pode auxiliar e qualificar a ação humana.

Por certo, a IA é uma ferramenta que vem se tornando estratégica não só para a pesquisa do Estado do Conhecimento, mas para estudantes, pesquisadoras(es) e para a universidade como um todo. Segundo uma das entrevistadas, caso não haja aproximação e domínio dessas ferramentas, haverá defasagem no processo investigativo: “[...] *enfim, a gente precisa buscar a atualização enquanto pesquisadores, precisa sim compreender essas artimanhas e essas interfaces das diferentes IAs que estão por aí, quais são as mais importantes, as que nos ajudam e são interessantes de serem utilizadas [...]*” (Entrevistada 5).

Por isso, incorporar a IA à metodologia representa uma inovação, porque o método em si já é conhecido e dominado por muitas(os) pesquisadoras(es), “[...] *mas precisa ser feito com rigor em relação aos procedimentos [...]*” (Entrevistada 2). Ainda, a IA auxilia no burilamento dos dados, isto é, na transformação de uma “pedra bruta” naquilo que realmente interessa ao estudo. Contudo, segundo a entrevistada, um dos erros recorrentes está em utilizar a IA sem explicitar de que forma ela foi empregada no percurso metodológico.

Nessa perspectiva, outra entrevistada comenta que: “[...] *se a gente tem uma ferramenta que nos auxilia a olhar com maior abrangência, perspicácia, essas questões, por que não usar? [...]*” (Entrevistada 5). Em resposta, argumenta-se que a IA pode auxiliar as(os) pesquisadoras(es) em um conjunto de atividades que diminuam o tempo despendido nas etapas de mineração de dados, análises quali-quantitativas, verificação de autorias e conexão dessas autorias com outros trabalhos. Além disso, caso se deseje ampliar o escopo da pesquisa, “[...] *ela pode auxiliar a selecionar, dentro da materialidade dos trabalhos selecionados, a natureza desses trabalhos, auxiliar a montar gráficos, tabelas, figuras etc [...]*” (Entrevistada 5).

As primeiras fases do Estado do Conhecimento (bibliografias anotada e sistematizada) são mais manuais, trabalhosas e, sem dúvida, metódicas. Evidentemente, nesses primeiros passos, a IA pode contribuir no auxílio à seleção e combinação dos descritores: “[...] *eles têm que ser muito bem pensados e você pode perguntar para a IA possíveis variações de descritor, e deve perguntar três, quatro vezes para ver se é aquilo mesmo, confirmar se a IA não se desvia, se tem alguma falha ou alguma coisa que não seja pertinente [...]*” (Entrevistada 3).

Não apenas isso, outro avanço importante do uso da IA no Estado do Conhecimento diz respeito a etapa da bibliografia categorizada em que [...] *a organização das categorias analíticas, era tradicionalmente realizada de forma manual apenas pelo pesquisador e pela equipe, a partir do título e do resumo de cada artigo selecionado na bibliografia anotada e, posteriormente, sistematizada [...]* (Kohls-Santos, Morosini, 2024, p. 12).

Em vista disso, além das definições ou rearticulação de descritores, a [...] *IA pode nos auxiliar no sentido da identificação de tendências, da identificação de cenários, na categorização dos dados, na materialidade dos dados, ou seja, isso é um processo de mineração que tem várias fases [...]* (Entrevistada 5). Antes de tudo, porém, é preciso fornecer o “comando certo” e, aos poucos, compreender a lógica de funcionamento da IA, considerando que cada ferramenta se comunica de maneira distinta (Entrevistada 5).

Conforme outra professora ouvida nas entrevistas, é possível utilizar a IA em todas as fases do Estado do Conhecimento, principalmente no processo de categorização, considerando que determinados temas possuem grande volume de produção científica. Em consonância com essa perspectiva, na fase da categorização, a IA [...] *vai fazer um serviço que a gente não consegue fazer pela totalidade e pelo conjunto de informações, ainda mais quando você tem um banco de dados muito grande [...]* (Entrevistada 3).

Ademais, na etapa da bibliografia propositiva, a IA pode auxiliar na criação de categorias, na produção de esquemas e imagens, qualificando e intensificando as proposições e o estudo em si. Entretanto, permanece imprescindível a validação humana e o domínio do assunto abordado [...] *para poder validar, saber se aquilo que foi sugerido está correto ou se está faltando algo [...]* (Entrevistada 1).

Para concluir, é consenso entre as entrevistadas posicionaram-se favoravelmente à utilização da Inteligência Artificial em alguns procedimentos metodológicos do Estado do Conhecimento, assim como ao uso de determinados softwares nas análises bibliométricas e de conteúdo, tais como NVivo, MAXQDA, IRaMuTeQ, ATLAS.ti e IBM SPSS Statistics, o que, sem dúvida, pode qualificar as discussões realizadas em torno das categorias elencadas. Entretanto [...] *é importante utilizar a mesma conversa (registro) em todas as etapas, pois essa IA funciona com base no contexto, ou seja, na memória da conversa para aprofundar as análises [...]* (Kohls-Santos, Morosini, 2024, p. 14).

Também há concordância de que [...] *a ferramenta auxilia e apresenta algumas possibilidades, porém, cabe ao pesquisador validar e organizar as sugestões apresentadas [...]* (Kohls-Santos, Morosini, 2024, p. 14). Logo, os resumos, textos, esquemas e figuras fornecidos pelos diferentes tipos de IA, tais como ChatGPT, Gemini, Claude, DeepSeek, Llama, Perplexity, Grok e Midjourney, necessitam, obrigatoriamente, de validação humana. Isso significa que a(o) pesquisadora(or) continua sendo responsável por decidir quais informações são pertinentes e relevantes ao estudo, a partir de sua expertise técnica, teórica e experiencial.

De caráter ilustrativo, segue imagem gerada pela IA “ChatGPT” que sistematiza as discussões feitas até o momento sobre o uso desse recurso nas pesquisas do tipo Estado do Conhecimento.

Imagem 1 - Uso da IA nas etapas do EC



Fonte: Arquivo pessoal do autor gerado pelo ChatGPT⁷

Em conclusão, a utilização da IA nas etapas procedimentais do Estado do Conhecimento se apresenta como um diferencial potencializador nas “[...] análises, inferências e interpretação dos resultados. Transitar pelo ciclo do EC com a IA tem como condição indissociável os processos de validação da IA e humana para as etapas exploratória, organizativa e reflexiva, que culminam com a escrita do texto do estado do conhecimento [...]” (Kohls-Santos, Morosini, 2024, p. 24).

⁷ Link de acesso: <https://chatgpt.com/library>

5 A EXPANSÃO DO ESTADO DO CONHECIMENTO NO CENÁRIO BRASILEIRO

A metodologia do Estado do Conhecimento tem sido cada vez mais utilizada por pesquisadoras(es) e estudantes da graduação e da Pós-Graduação, tanto *stricto sensu* quanto *lato sensu*, expandindo-se para diferentes áreas do conhecimento e, com expressividade, nos cursos de licenciatura. Já na monografia, muitos estudantes demonstram interesse em desenvolver pesquisas do tipo Estado do Conhecimento e, em diversos casos, aprofundam o estudo no mestrado, “[...] *no sentido de compreender, num escopo de produções científicas, o que está sendo discutido para depois fazer as suas escolhas e aprofundá-las [...]*”. (Entrevistada 5).

Considerando que a Pós-Graduação *stricto sensu* compreende, em média, um período de dois a quatro anos, o aprofundamento do conhecimento na área também se desenvolve nessa direção. Apropriar-se daquilo que já foi produzido sobre o tema investigado torna-se fundamental para evitar escolhas equivocadas e garantir que a pesquisa seja original e esteja balizada em autoras(es) que discutem efetivamente a temática em questão. Assim sendo, “[...] *o Estado do Conhecimento permite conhecer outras bibliografias e outros referenciais tão importantes e necessários [...]*” (Entrevistada 5).

Congruente a isso, deve-se considerar que esse é o “plus” de se realizar esse tipo de pesquisa bibliográfica, pois nenhum procedimento é aleatório e, de alguma forma, tudo é registrado e construído: “[...] *por isso que o Estado do Conhecimento é uma metodologia mais aprimorada do que uma pesquisa bibliográfica simples, sem critérios, sem a pessoa dizer o porquê fez e assim por diante [...]*” (Entrevistada 3).

Cabe considerar ainda que, muitas(os) pesquisadoras(es) e orientadoras(es) que desenvolvem projetos de pesquisa, com ou sem fomento, têm compreendido a importância do Estado do Conhecimento para a consolidação do campo, tanto da educação básica quanto da educação superior. Além disso, trata-se de uma metodologia de pesquisa que “[...] *nos auxilia a consolidar a fundamentação teórica dos nossos trabalhos, criar o nosso olhar nos aspectos teórico-metodológicos das pesquisas, das abordagens metodológicas, escolhendo uma abordagem mais apropriada, com base científica na qual as pesquisas tenham se realizado [...]*” (Entrevistada 5).

Além do mais, o Estado do Conhecimento tem potencializado o aprimoramento da escrita científica, na medida em que propicia o contato com diferentes estilos de escrita, permitindo compreender suas lógicas e construir repertórios argumentativos e propositivos mais profundos. A partir de então, “[...] *esse aprimoramento da escrita científica vai se dando a partir da nossa capacidade de análise, de argumentação, de olhar para os pontos de estudo selecionados e por experiência própria, e o nosso potencial de criatividade enriquece, sobremaneira, porque a gente tem um vasto repertório de saberes [...]*” (Entrevistada 5).

Quando se abastece desse repertório intelectual, isto é, ao adentrar no universo das produções científicas e “[...] *interagindo com outras produções e as formas como as pessoas organizam suas escritas a partir dos seus achados de pesquisa, obviamente que a gente vai construindo novas formas de construção da escrita [...]*” (Entrevistada 5).

Em se tratando do âmbito analítico das categorias bibliométricas e de conteúdo, o Estado do Conhecimento possibilita que a(o) pesquisadora(or) realize diferentes tipos de análise, de forma individual ou a partir do cruzamento de dados. A partir da estratificação dos elementos qualitativos, “[...] a gente vai ver quantos grupos de pesquisa estão envolvidos nos estudos selecionados, quantas universidades, quantas regiões, quantos trabalhos com fomento ou sem fomento, as áreas relacionadas e as categorias que a gente selecionou [...]” (Entrevistada 5).

Essa estratificação é possível e necessária, pois conduz ao universo de outros estudos e a diferentes olhares, fazendo emergir categorias ainda não pensadas e, sobretudo, contribuindo para a consolidação do conhecimento, em determinada área e para as finalidades de quem pesquisa, em uma trama científica que pode ser projetada e ampliada, como é o caso do funcionamento de grandes redes de pesquisa já consagradas no Brasil, como é o caso do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) entre outras.

Dos anos 2000 até o momento histórico atual, o Estado do Conhecimento avançou e se reinventou consideravelmente. Chegou-se a uma fase em que é concebível articular a metodologia com a Inteligência Artificial (IA) e outros softwares analíticos, em um movimento evolutivo que segue o aprimoramento das etapas procedimentais. Como resultado positivo, a metodologia se expande e conquista cada vez mais adeptos, ao mesmo tempo em que amplia os indicadores dos trabalhos científicos, seja em pesquisas de grande envergadura (teses e dissertações), seja em monografias e artigos científicos.

As cinco vozes que compuseram este estudo compartilharam experiências, memórias, reflexões e princípios ideológicos, éticos e estéticos sobre os diferentes tipos de revisões bibliográficas, com ênfase no Estado do Conhecimento. Durante as narrativas reflexivas, emergiram perspectivas inovadoras, avanços teórico-metodológicos e questões que ainda carecem de maior atenção, como a necessidade de normativas mais padronizadas para o uso ético da Inteligência Artificial (IA) nas pesquisas em educação e nos estudos de revisão de literatura.

Em tempo, como último registro dessa artesanaria intelectual (Mills, 2009), recorre-se às palavras da idealizadora da metodologia Estado do Conhecimento, Marília Costa Morosini, que expressa satisfação com a adesão e a expansão do método: “[...] eu realmente fico muito contente em enxergar que dentro do Brasil, os grupos que trabalham o Estado do Conhecimento são grupos de reconhecido rigor científico e que, para mim, é um orgulho olhar isso e posso te dizer que me sinto muito feliz de ter contribuído para a ciência nessa perspectiva, eu agradeço muito! [...]” (Entrevistada 1).

Essa sensação de realização estende-se também à comunidade científica e a todos estudantes e pesquisadores que utilizam o Estado do Conhecimento em suas investigações, feitos que plasmam a rigorosidade científica aos princípios éticos e ideológicos, vinculados não somente a racionalidade humano-científica, mas também, ao preceito humano-sensível ante a reflexão crítica dos saberes e experiências produzidas, apreendidas e disseminadas através das pesquisas, que atravessam os diferentes tempos sócio-históricos.

Das muitas percepções que ficaram a partir desse estudo, cabe reafirmar que o Estado do Conhecimento vem ganhando adeptos de outros campos do conhecimento, em exemplo, a robótica, as ciências contábeis, as tecnologias da informação e comunicação e, inusitadamente, a área da saúde. Se a interface entre diferentes metodologias pode potencializar e trazer inovações para o fenômeno estudado, não há porque negá-la.

Por fim, espera-se que as ponderações feitas nesta costura intelectual decorrente das experiências e movimentos teórico-práticos da metodologia Estado do Conhecimento, se somem a outros estudos (livros, artigos, resumos expandidos, entre outros) já publicados e largamente utilizados nos últimos anos. Sem dúvida, a metodologia encontra-se num niilismo exponencial (Lipovetsky, 2004), que se fortalece continuamente e ganha adeptos com expressividade, provenientes das cinco regiões do Brasil e do mundo. Que venham novas inquietações, problematizações e inovações, para a ciência e para as(os) pesquisadoras(es), que desafiam e são desafiados a buscar respostas para os problemas contemporâneos e, com isso, explorar novas habilidades, num futuro que está sempre em aberto, mediado pela repetição da transformação.

REFERÊNCIAS

- FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “Estado da Arte”. Educação & Sociedade, Campinas, n. 79, p. 257-272, ago. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/vPsyhSBW4xJT48FfrdCtqfp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 jan. 2022.
- HADDAD, Sérgio (Coord.). O estado da arte das pesquisas em educação de jovens e adultos no Brasil: a produção discente da pós-graduação em educação no período 1986-1998. São Paulo: Ação Educativa, 2000. 123 p.
- KOHL-SANTOS, Pricila; MOROSINI, Marília Costa. Internacionalização como estratégia para a permanência estudantil: o estado do conhecimento com apoio da inteligência artificial. Revista Educação Em Questão, v. 62, n. 72, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/1981-1802.2024v62n72ID35952>. Acesso em: 02 maio 2026.
- LIPOVETSKY, Gilles. Os Tempos Hipermodernos. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- MILLS, Charles Wright. Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios / C. Wright Mills; seleção e introdução Celso Castro; tradução Maria Luiza X. de A. Borges; revisão técnica Celso Castro. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- MOROSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. Educação Por Escrito, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, 2014. DOI: <https://doi.org/10.15448/2179-8435.2014.2.18875>.
- ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodoro. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. Rev. Diálogo Educ., v. 06, n. 19, p. 37-50, 2006. ISSN 1981-416X.
- SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. Einstein, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010.

THERRIEN, Sílvia Maria Nóbrega; THERRIEN, Jacques. Trabalhos científicos e o Estado da questão. Estudos em Avaliação Educacional, São Paulo, v. 15, n. 30, 2004.

Recebido em: 3 de junho de 2026.
Aprovado em: 21 de agosto de 2026.

ⁱ Marília Costa Morosini. Pós-doutorado na University of Texas. Pesquisadora 1A CNPq. Professora Titular na Escola de Humanidades da PUCRS. Professora Aposentada do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS. Premio Pesquisador gaúcho 2021. Criadora e Coordenadora do Centro de Estudos em Educação Superior (CEES) da PUCRS. Coordenadora da Rede SulBrasileira de Investigadores da Educação Superior (RIES). Sua produção está voltada a estados de conhecimento, destacando-se: a Enciclopédia de Pedagogia Universitária, o Glossário de Pedagogia Universitária e a Enciclopédia Internacional de Educação Superior para os Países de Língua Portuguesa e a Enciclopédia Brasileira de Educação Superior (EBES).

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8614883884181446>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3445-1040>

E-mail: marilia.morosini@pucrs.br

ⁱⁱ Arlete Maria Monte de Camargo. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG, 2004), Professora Titular aposentada da Universidade Federal do Pará em atuação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará Linha Formação de Professores, Trabalho Docente Teorias e Práticas Educacionais na condição de professora permanente. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Política Educacional, Formação e Trabalho Docente - GESTRADO/UFPA. Associada da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação -ANPED, participa da Rede Universitas Br.

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5216050159716561>

ORCID: <https://orcid.org/5216-0501-5971-6561>

E-mail: acamargo@ufpa.br

ⁱⁱⁱ Egeslaine de Nez. Possui estágio pós-doutoral na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É líder do Grupo de Estudos sobre Universidade (GEU/Unemat/UFMT). É editora associada da Revista Panorâmica da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus Universitário do Araguaia (CUA).

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6197279063733225>

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0316-0080>

E-mail: profe.denez@gmail.com

^{iv} Marilene da Cruz Batista Nascimento. Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestra em Educação pela Universidade Tiradentes (Unit), possui pós-graduação lato sensu em Psicopedagogia pela FANESE e graduação em Pedagogia pela Faculdade Pio Décimo com habilitação em Orientação Educacional. Atua como professora permanente do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED) e do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe/Campus Professor Alberto Carvalho, sendo tutora do Programa de Educação Tutorial (PET Educação).

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3210073855413598>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6671-7907>

E-mail: nascimentolene@yahoo.com.br

^v Marilene Gabriel Dalla Corte. Pós-doutora em Educação (PUCRS); Doutora em Educação (PUCRS); Mestre em Educação (UFSM); Especialista em Administração e Supervisão Escolar (UFSM); Especialista em Psicopedagogia

(FAFRA); Licenciada em Pedagogia (FIC). Professora Associada do Departamento de Políticas Públicas e Gestão Educacional (PGE), do Centro de Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Diretora do Centro de Educação da UFSM (Out.2021-Out.2025); docente no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Gestão Educacional (PPPG) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), ambos do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria.

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1554366181630485>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8282-2944>

E-mail: marilenedallacorte@gmail.com

^{vi} Carlos Alessandro da Silveira. Doutorando pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEdu/UFRGS). Integrante do Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação e Conhecimento (TEC/UFRGS). Integrante do Coletivo de Pesquisa, Trabalho-Educação, Cultura e Produção de Saberes (MINKA/UFF). Membro colaborador no Núcleo de Estudos Educação e Gestão do Cuidado (UFRGS).

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2568522646450016>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0927-7941>

E-mail: c.a.s@hotmail.com.br